

O CRIME E O SUBMUNDO DO RIO DE JANEIRO NA OBRA OS  
ESTRANGULADORES DO RIO OU O CRIME DA RUA CARIOCA. ROMANCE  
SENSACIONAL DO RIO OCULTO.

Hendie Tavares Teixeira (UFRJ)

Maria Aparecida Mota (UFRJ)

O romance *Os estranguladores do Rio ou o crime da Rua Carioca. Romance sensacional do Rio oculto*, do autor Abílio Soares Pinheiro, considerado de sensação e produzido em decorrência de um crime ocorrido em 1906, no Rio de Janeiro, nos mostra aspectos do denominado “Rio Oculto”, caracterizado pela criminalidade e violência. O autor nos oferece, por meio de uma estética naturalista, uma análise sociológica da criminalidade surgida por meio da miséria de uma parte do Rio de Janeiro que não foi beneficiária das transformações urbanas e marcado pela intensa imigração estrangeira do período. A imprensa posicionava-se como investigadora do crime e colocava em evidência a insuficiência da atuação policial. O caráter sensacional dessa obra se manifesta pelos temas que produzam choque, a saber, crimes, assassinato, violência são atos monstruosos cujo medo é vinculado à violência, embora “romance de sensação” não se limita simplesmente a esse aspecto. O medo urbano manifesta-se nas ruas escuras, no porto, no anonimato, na multidão, na miséria que são ambientes propícios para a produção do mal. Apresentar o submundo carioca, suas vielas, o porto, o contrabando, a quadrilha, a vida noturna são aspectos propícios à produção do medo assim como a monstruosidade dos assassinos, que são os transgressores da ordem moral. Todo esse mistério em torno das vítimas e da crueldade dos assassinos nos mostra tanto o medo do outro quanto a atração pelo desconhecido.

**Palavras-chave:** Crime. Sensacionalismo, Romance de Sensação, Imprensa. Rio de Janeiro.

O romance analisado, publicado em 1906, pela tipografia Luiz Miotto, foi produzido em duas semanas após a notícia de um crime brutal ocorrido na cidade do Rio de Janeiro. Foi um latrocínio, roubo seguido de morte, de dois irmãos italianos, sobrinhos de um conhecido joalheiro do centro da cidade. A atrocidade do crime – estrangulamento, violência, desaparecimento do corpo do irmão mais velho – fazia a

cidade estremecer e buscar informações sobre seu andamento. Dessa tragédia foi desenvolvida uma vasta produção jornalística e literária, a saber, notícias longamente expostas nos jornais, relatos sobre a tragédia, sobre as vítimas e sobre os criminosos; o romance aqui analisado; peças teatrais, como *A quadrilha da morte* dos jornalistas Rafael Pinheiro e Figueiredo Pimentel; uma peça de Arthur Azevedo; um documentário chamado *Rocca, Carletto e Pegatto na Casa de Detenção*, sobre o interrogatório do crime realizado em novembro do mesmo ano no Teatro Maison Moderne acerca dos participantes da quadrilha; e um filme produzido alguns anos depois, em 1908, chamado *Os estranguladores* e baseado na peça *A quadrilha da morte*<sup>1</sup>.

Escrever um romance sobre a tragédia pode parecer desumano nos parâmetros atuais, mas no início do século XX era uma prática relativamente comum<sup>2</sup>. O jornal, em linguagem sensacionalista, fazia uma cobertura instigante e apelativa, divulgando imagens das vítimas, dos criminosos, coletando depoimentos e incitando a população.

Para Ana Porto (PORTO, 2010, p. 283) os romances sensacionais eram “sensacionais” pelo seu conteúdo, a saber, crimes e assassinatos, proporcionados pelo medo vinculado à violência. Em contrapartida, parte da sensação esperada era o momento posterior à violência, ao exercício de detetive representado pelos policiais na coleta de pistas, na investigação, no interrogatório e no desvendamento do crime. A autora compreende que esse tipo de narrativa seria um dos precursores do romance policial. Embora houvesse essas formas de medo e suspense como estratégias para produzir choque aos leitores do romance de sensação, o subgênero não se limitava a essa temática. Ao tratar do submundo da cidade urbana moderna, o romance de sensação, apresenta grande influência do romance gótico que utiliza fartamente o subterrâneo e cavernas artificiais onde aconteciam os piores crimes, mas sob uma ótica da cidade (ECO, 1991, p. 85).

Se os jornais e a produção desse tipo romance é estimulado e cresce é por que esse campo é encontrado terreno fértil para o consumo. Os leitores não só eram estimulados pela propaganda em torno dessas narrativas como também buscavam na experiência da leitura certas emoções. Não são em todos os romances de sensação que o medo, como recurso, é explorado, mas sua utilização potencializa as reações dos leitores por ser uma das emoções mais intensas e constantes no homem. O medo é um recurso

---

<sup>1</sup> Ver RAMOS, Fernão E MIRANDA, Luís Felipe de. Enciclopédia do Cinema Brasileiro. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

<sup>2</sup> No livro de contos *Crimes à moda antiga*, de Valência Xavier são resgatados história de crimes reais que foram ficcionalizados como, por exemplo, *A noiva não manchada de sangue* e *A mala sinistra*.

constante em obras ficcionais e de certeza na receptividade do público, pois experimentar o medo quando não se está em situação de risco real pode produzir prazer ao nos tirar do controle de nós mesmos, ainda que de maneira irracional, produzindo tensão, suspense assim como reações exteriores como lágrimas e suores. (FRANÇA, 2011).

Esses efeitos podem ser produzidos por diferentes estratégias como, por exemplo, pelos personagens, pela ambientação entre outros efeitos. O espaço narrativo é fundamental para esse efeito, pois realiza com palavras o modo pelo qual o narrador vê o espaço que narra, contribuindo para persuadir o leitor dos perigos de determinados lugares. Nessas narrativas, as causas do medo estão em aspectos do cotidiano sendo materializado no espaço e no caos da vida metropolitana moderna. O espaço urbano é visto como *habitat* do monstro humano, pois nele podemos encontrar as depravações morais, os crimes abomináveis, o perigo da multidão, e o perigo do desconhecido, do anonimato. No caso do espaço urbano no Rio de Janeiro a violência e crueldade, o assassinato, o estupro pode ser encarado como atos monstruosos (FRANÇA, 2013, p. 5). Os monstros – que estão dispersos na cidade, nas ruas escuras, na noite – são também transgressores da ordem moral, encontrando neles a imprevisibilidade do outro, tirando as pessoas de sua vida normal e lhes fazendo mal.

O autor procura ambientar e instruir o leitor sobre os meios propícios para determinados crimes ocorrerem, ou seja, o Rio oculto, mostrando que a cidade é perigosa e assustadora por ser um ambiente abarrotado de pessoas anônimas, tumultuada de marginais e desordeiros, na concepção do narrador, que tomam conta das áreas pobres e sem participação efetiva das instituições de segurança. Busca, a partir da resolução de crimes que pareciam misteriosos e indecifráveis, proporcionar matrizes aparentemente sólidas de avaliação da experiência, através da resolução do crime e punição devida para os criminosos, num mundo tremendamente instável que é o moderno produto de uma nova ordem econômica, de um mundo pós-sagrado e marcado por transformações espaciais e espirituais.

O fenômeno urbano no Rio de Janeiro se intensificou no último quarto do século XIX, passando por uma série de reformas e reestruturações urbanas, influenciadas pelo modelo arquitetônico e pelo modelo de civilização francês. É claro que as obras de melhoria urbana não chegaram para todos; foram privilegiadas as áreas nobres e de importante fluxo comercial. Dentro desse projeto urbanístico, as classes pobres não estavam incorporadas, havendo a demolição de cortiços e casas de cômodos e a

expulsão da população pobre, que vivia nos centros urbanos, para espaços menos privilegiados da cidade. Nessas condições, esses redutos marginalizados, passaram a concentrar as classes pobres, constantemente confundidas e vinculadas a classes perigosas que levavam medo à população citadina, sofrendo maior vigilância e violência por parte do Estado.

O crime, segundo a ótica do narrador, é um produto das trevas de tabernas e baiucas. Os criminosos estão dispersos pela cidade, pois “no Rio de Janeiro o crime não tem um bairro próprio, como em todas as capitais do mundo” e “a razão é que a vida essencialmente cosmopolita da capital do Brasil dificulta muito a camaradagem dos bandidos das diversas nacionalidades que a infestam” (PINHEIRO, 1906, p.15).

“O parasita social, como todo parasita, foge do ar e da luz, dos lugares onde a vida pode ser observada e discutida; vive na imundice, se revolve no lodo, entre os lixos em fermentação, na sordidez da miséria e do vício, já que existe vícios filhos da miséria e misérias filhas do lixo”. (PINHEIRO, 1906, p. 15)

Logo, o crime da Rua Carioca “era o produto não do acaso, como se poderia imaginar, mas de uma inteligente e sábia disposição, em que cada um dos membros respondia a determinadas funções conforma a sua especialidade no crime, ao seu sexo, ao meio em que era conhecido, as relações sociais adquiridas, e as aptidões do espírito transviado” (PINHEIRO, 1906, p. 45),

Tanto os criminosos quanto as vítimas são estrangeiras como, por exemplo, italianos e argentinos e, se não são declaradamente criminosos, estão no limiar entre a malandragem e a participação de discretos contrabandos. Ainda que a cidade sempre tenha sido marcada por seu caráter cosmopolita, ao se apresentar o outro, o que vem de fora, como perigoso, nos apresenta uma marca xenofóbica, que produz a imagem do estrangeiro como aquele que vem para o Rio, trazendo um caráter corrompido, infesta a cidade com medo e insegurança transgredindo a ordem moral e desestabilizando a sociedade e carioca.

A quadrilha no romance é formada por bandidos italianos – filiação bastante comum ao mundo do crime – embora não houvesse a concepção de família bastante arquetípica quando se trata de máfia italiana; ao contrário, não havia nenhuma fidelidade entre eles a não ser por interesses em comum ou 'apenas o laço da cumplicidade ocasional” (PINHEIRO, 1906, p. 45). A máfia italiana é uma organização criminosa originária de um fenômeno de uma sociedade rural e pouco desenvolvida economicamente. Nela são organizados contrabandos, crimes de pistolagem, serviços de

proteção para pessoas que vivem diariamente em jogos de poder, chantagem, traição e mortes marcadas por execuções rápidas, violentas e que não deixam rastros. Com as imigrações para a América, parte dessas organizações criminosas se fortaleceu, mesmo nos espaços urbanos, como nos Estados Unidos e na Argentina. No Brasil, o mesmo tipo de organização não prevaleceu, com algumas exceções de redes criminais em São Paulo, devido em parte, das áreas das populações imigrantes que vieram para cá e pela falta de solidariedade familiar.<sup>3</sup>

Entretanto, resgata alguns aspectos comuns representados na quadrilha e em Eugenio Rocca. A quadrilha era uma organização criminosa que, assim como a máfia, tinha ligações com as instituições do Estado ou seus representantes, aqui no caso, associado ao papel do juiz corrupto. O narrador conta um dos golpes aplicados por ele em um juiz com quem tinha estreitas relações em troca de favores que um bom contato poderia oferecer nos momentos de necessidade. Fazendo parte desse Rio oculto, tirava vantagem através de subornos, dinheiro e produtos contrabandeados. Ainda assim, ele aplica um golpe no juiz, tomando um dinheiro adiantado de um “maravilhoso contrabando”, mas que Rocca simulou ter afundado no mar.

Por último, mas não menos importante, na obra também é explorado o medo do sobrenatural como podemos observar no trecho seguinte.

...quando a luz incerta da última saudação do dia que morria, viu agitar-se na água qualquer coisa que não podia definir, de forma alongada, esbranquiçada e lustrosa, ou escura e opaca, conforme o jogo da luz no remover das ondas... José, posto em curiosidade deixou pender os remos e olhou atentamente...sentiu eriçar-se o cabelo na testa, os seus olhos assumiram a expressão de espantosa surpresa e disse consigo: Que será meu Deus? Ele tinha reconhecido um pé humano, uma perna contorcida, o tronco de um corpo e uma cabeça enorme, deformada e horrível... Teve medo. Passaram pela sua mente as histórias de afogados e almas penadas. (PINHEIRO, 1906, pp. 119-120)

A percepção do “homem rude” vem pontuada por expressões que sugerem visualização das sensações como, por exemplo, ao do ambiente, o mar e a pouca luminosidade que sofria, a variação das formas conforme “o jogo da luz” que poderiam tornar-se “alongada, esbranquiçada e lustrosa, ou escura e opaca, conforme o jogo da luz no remover das ondas...”. Em seguida, depois do suspense marcado por cenas de imprecisão segue o quadro dantesco e horrível da recuperação do corpo: “um pé

---

<sup>3</sup> MONSMA, Karl; TRUZZI, Oswaldo e CONCEIÇÃO, Silvano da. *Solidariedade étnica, poder local e Banditismo: uma quadrilha calabresa no Oeste Paulista, 1895-1898*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 18 n°. 53 outubro/2003

humano, uma perna contorcida, o tronco de um corpo e uma cabeça enorme, deformada e horrível”. A junção desses elementos numa só cena, é que produz, com as palavras, 'sensação' ao leitor, porque integra uma série de imagens que provocam suspense e terror, assim como a satisfação de um importante passo para o desvendamento do crime.

Encontramos estratégias em sua forma de narrar ao retratar todo o longo momento, escrito ao decorrer de duas páginas com riqueza de detalhe, no ambiente escuro e indomável que é o mar. Essa descrição cria um efeito de suspense, na qual o pescador encontra algo estranho, e a narrativa vai tomando fôlego e chegando ao seu clímax que é o encontro e a constatação de que aquilo encontrado se trata de um cadáver. O narrador organiza a sequência de ações que levam o pescador ao encontro do corpo, ressaltando seus medos e tensões acerca do sobrenatural, como o medo de “alma penada”, e conseqüentemente possíveis desistências, mas que ainda assim opta pela coragem, segundo o narrador, comum ao “povo brasileiro” de enfrentar o “fardo macabro” que “Deus” havia lhe dado, fazendo que finalmente o pescador levasse o corpo até a praia e chamando as instituições responsáveis.

Comprendemos que o romance analisado reúne diversas estratégias para a produção do medo, a saber, a violência física e psicológica, o desconhecido, a criminalidade e o sobrenatural. Ficcionalizar uma história verídica aumenta a sensação de realidade, fator tão importante para os leitores.

## Referências:

### Romances

PINHEIRO, Abílio Soares. *Os estranguladores do Rio ou o crime da Rua Carioca: romance sensacional do Rio oculto*. [1906] Rio de Janeiro: Typ. Luiz Miotto, 1906.

XAVIER, Valêncio. *Crimes à moda antiga*. São Paulo: Publifolha, 2008.

### Referências Bibliográficas.

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1996. Cap. 1.

CULLER, Jonathan. Narrativa. In: CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DIAS, Allister Andrew Teixeira. *Dramas de sangue: na cidade: psiquiatria, loucura e assassinato no Rio de Janeiro (1901-1921)*. 191 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2010.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação: Literatura Popular e Pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FRANÇA, Júlio. As relações entre Monstruosidade e Medo Estético: anotações para uma ontologia dos monstros na narrativa ficcional brasileira. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 12., 2011, Curitiba, PR: *Anais...* Curitiba, PR: ABRALIC, 2011.

\_\_\_\_\_. A "Alma encantadora das ruas" e "Dentro da noite": João do Rio e o medo urbano na Literatura Brasileira. In: GARCIA, Flávio; FRANÇA, Julio; PINTO, Marcelo O. (Org.). *As arquiteturas do medo e o insólito ficcional*. 1. ed. Rio de Janeiro: Caetés, 2013. v. 1, p. 66-78.

\_\_\_\_\_; [SILVA, Pedro Paulo Sasse da](#). O mal e a cidade: o medo urbano em 'Dentro da noite', de João do Rio. *Revista e-escrita: revista do curso de letras da UNIABEU*, v. 3, p. 32-45, 2012.

GUIMARÃES, Valéria. Sensacionalismo e modernidade na imprensa brasileira no início do século XX. *ArtCultura*, v. 11, p. 227-240, 2009.

MONSMA, Karl; TRUZZI, Oswaldo; CONCEIÇÃO, Silvano da. Solidariedade étnica, poder local e Banditismo: uma quadrilha calabresa no Oeste Paulista, 1895-1898. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, n. 53, out. 2003.

PORTO, Ana Gomes. Romance sensacional e histórias de crime no Rio de Janeiro de início do século XX. *Revista Escritos*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 4, 2010.

SILVA, Eduardo. *As Queixas do povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (Org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. Trad. Regina Thompson. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.